

## O UNIVERSO AMAZÔNICO CONTEXTUALIZADO NAS OFICINAS DE PRODUÇÃO TEXTUAL

Francineide dos Anjos Teixeira<sup>1</sup>

1. Graduada em Licenciatura em Letras pela Universidade do Estado do Amazonas, Centro de Estudos Superiores de Parintins – UEA/CESP. Especialista em Língua Portuguesa e Literatura pela Faculdade Integrada do Brasil - FAIBRA - Professora de Língua Portuguesa e Literatura na Escola Dom Gino Malvestio; Endereço eletrônico: [francedos@hotmail.com](mailto:francedos@hotmail.com)

**Resumo:** A contextualização é muito importante no ambiente escolar e deve ser trabalhada através da leitura e da escrita. Ler histórias que fazem parte do cotidiano do aluno o ajuda a compreender e a se interessar pela leitura. Dessa forma, poderá trazer bons resultados também na escrita, pois os alunos terão mais conhecimentos prévios para ser ativados na hora da produção textual. Sendo assim, o universo amazônico com seus fascinantes mistérios foi escolhido para fazer parte da leitura e das produções dos alunos. O objetivo era que estes conhecessem e resgatassem histórias vividas por pescadores, ribeirinhos para manter vivos os costumes e crenças dos moradores da floresta. A metodologia utilizada foi à contextualização através da leitura de textos de autores parintinenses que escreveram sobre o tema e também utilizar a leitura para fixar palavras, expressões e conteúdos gramaticais. Ao final, os alunos produziram o texto conto, após a correção do professor, eles o reescreveram, analisando e verificando seus erros para não repeti-los em outras produções. Os resultados foram satisfatórios, pois os alunos tiveram facilidade em escrever sobre o tema, pois fazia parte do cotidiano deles, com isso, utilizaram a linguagem particular do meio em que vivem. Também conseguiram assimilar e empregar na produção textual vários assuntos de gramática pelo contexto lido em outros textos trabalhados nas oficinas. Portanto, a contextualização facilita a compreensão no ato da leitura e na escrita, e as regras gramaticais são ensinadas através da leitura de textos diversos e os alunos as assimilam sem decorar regras isoladas, tornando a aprendizagem mais interessante e significativa.

**Palavras-chave:** Leitura, Contextualização, Universo amazônico, Escrita.

## THE UNIVERSE AMAZONIAN CONTEXTUALIZED IN THE WORKSHOPS OF TEXTUAL PRODUCTION

**Abstract:** The contextualization is very important in the school atmosphere and it should be worked through the reading and of the writing. To read histories that are part of the daily of the student helps him to understand and being interested for the reading. In that way, it can bring good also resulted in the writing, because the students will have more previous knowledge to be activated in the hour of the textual production. Being like this, the Amazonian universe with their fascinating mysteries was chosen to do part of the reading and of the students' productions. The objective was that these knew and they rescued histories lived by fishermen, riverine to maintain alive the habits and the residents' of the forest faiths. The used methodology went to the contextualization through the reading of texts of authors parintinenses that they wrote on the theme and also to use the reading to fasten words, expressions and grammatical contents. At the end, the students produced the text story, after the teacher's correction, they redrafted it, analyzing and verifying their mistakes for not repeating them in other productions. The results were satisfactory, because the students had easiness in writing on the theme, because it was part of the daily of them, with that, they used the language peculiar of the middle in that they live. They also got to assimilate and to use in the production several textual grammar subjects for the context read in other texts worked at the workshops. Therefore, the contextualization facilitates the understanding in the action of the reading and in the writing, and the grammatical rules are taught through the reading of several texts and the students assimilate them without decorating isolated rules, turning the most interesting and significant learning.

**Key-words:** Reading, Contextualization, Amazonian Universe, Writing.

## Introdução

Este trabalho relatará a metodologia utilizada para se contextualizar o universo amazônico nas oficinas de produção textual, enfatizando a linguagem regional e o imaginário caboclo, fazendo uma conexão entre leitura, gramática e escrita, realizado através do projeto Produção textual na Escola Estadual Dom Gino Malvestio, onde se trabalhou oficinas do gênero Conto nas turmas de 9º ano. O objetivo era que os alunos conhecessem não somente as características do gênero, mas também a sua cultura, lendo e produzindo histórias do contexto regional. Ampliando seu vocabulário e evoluindo na escrita.

Outro fator importante utilizado na metodologia foi reforçar a aprendizagem da escrita pela leitura constante de textos, por isso se priorizou ensinar as características do gênero e as regras gramaticais através de leituras de textos da mesma categoria de produção e condizentes com a realidade dos alunos, para estes se identificarem e se interessarem pelas oficinas.

O projeto Produção textual foi desenvolvido na escola com a participação de bolsistas do curso de Letras que fazem parte de um Programa Institucional de bolsa de Iniciação a Docência (PIBID), implantado na Universidade Estadual do Amazonas

(UEA/ CESP) em parcerias com outros órgãos, que visa incentivar a formação de professores para a educação básica e também melhorar a qualidade de ensino nas escolas públicas.

Ao longo do trabalho será apresentada com detalhes a metodologia utilizada, assim como os resultados alcançados.

## **O imaginário amazônico contextualizado nas aulas de língua portuguesa**

O imaginário amazônico é fascinante e nos leva para um mundo mágico onde a realidade e a fantasia se misturam. Nesse universo, as histórias são contadas com tanta veracidade, que quem ouve teme aos enigmas da floresta.

Os contos amazônicos foram trabalhados nas aulas de Língua Portuguesa para que os alunos conhecessem o gênero e as histórias vividas por pescadores e ribeirinhos, registrando-as e compartilhando-as, para manter vivos os costumes e crenças regionais.

As histórias são interessantes ao leitor porque há uma identificação por fazer parte do cotidiano deles. Quem mora na Amazônia já ouviu relatos sobre o boto sedutor de mocinhas inocentes, sobre o Curupira protetor da floresta, que faz os caçadores se perderem na mata. E a cobra grande, muitos pescadores afirmam que já a viram e quase foram atacados por ela. São mistérios escondidos nas florestas e nos rios, para entendê-los precisa-se viajar no imaginário amazônico, como afirma Euclides da Cunha na apresentação de *Inferno Verde*.

A terra ainda é misteriosa. O seu espaço é como um espaço de Milton: esconde-se em si mesmo. Anula-se a própria amplidão, a extinguir-se, decaindo por todos os lados, adscrita à fatalidade geométrica da curvatura terrestre, ou iludindo as vistas curiosas com o uniforme traiçoeiro de seus aspectos imutáveis. Para vê-la deve renunciar-se ao propósito de descortiná-la (RANGEL, 2001, p. 24).

Entretanto, há poucos registros dessa Literatura oral apesar das histórias existirem há milhares de anos. Então, precisa-se registrá-las para manter a memória de um povo viva e poder ser compartilhada. Dessa forma, os alunos do 9º ano da Escola Estadual Dom Gino Malvestio recuperaram histórias contadas por seus pais e

avós, escreveram textos que serão publicados em um livro, com nome “Mistérios que a floresta esconde”. São contos amazônicos incríveis, alguns nunca foram registrados.

Segundo Cascudo (1984), o conto popular é elemento de fixação, pois mostra um valor local, um hábito, e educa. Pode revelar também um valor histórico, sociológico e linguístico, é um documento vivo, que permanece de geração em geração.

Conhecer os contos amazônicos significa não somente conhecer os costumes e as crenças de um povo, mas sim aprender lições de como viver em harmonia com a natureza. Compreender a literatura amazonense equivale a reconhecê-la como fenômeno da cultura.

Para contextualizar se utilizou contos de autores parintinenses como Saunier (2013) com sua obra “Identidade cabocla” e o livro “Deixa que eu conto: histórias de pescador” que reúne contos dos alunos do IFAM (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas) dos organizadores Sinimbu; Savedra; Natividade (2011). Os alunos se identificavam com os textos lidos em sala de aula, pois já tinham ouvido algo parecido, nas histórias vivenciadas pelos seus pais, tios ou avós.

O texto deve contar uma história que foi ou pode ser vivida pela criança: uma situação mais ou menos comum, mas apresentada de maneira original, com elementos de surpresa ou de humor... Tais histórias comprometem realmente a criança e a motivam. Elas monopolizam sua atenção e sua concentração (GRÉGOIRE; PIÉRART, 1997, p. 91).

O contato com texto de outros alunos possibilitou não somente a contextualização, mas também o incentivo a acreditar que ao se esforçarem em aprender o gênero durante as oficinas, estes poderiam escrever um bom texto e teriam possibilidades de ter seu texto selecionado para divulgação.

### **Metodologia utilizada nas Oficinas de Produção Textual: “Contos Amazônicos”**

Os gêneros textuais são selecionados de acordo com a série do aluno e a proposta da SEDUC/AM. Cada bimestre é trabalhado um gênero de produção

textual e várias oficinas são realizadas, onde se inclui os conteúdos gramaticais importantes na escrita textual como elementos de coesão, figuras de linguagem, verbos no passado entre outros.

[...] aqui pressupõe a não dissociação do que antes era nomeado como *redação* e *gramática*, nessa nova proposta de ensino, as duas estão fortemente associadas a ponto de se pressuporem mutuamente: trabalhar texto significa abordar questões gramaticais, e as questões gramaticais preveem sua aplicação na modulação de um gênero textual (WACHOWICZ, 2012, p. 148) [grifo do autor].

A leitura, gramática e a escrita foram trabalhadas juntas proporcionando um resultado melhor, isto porque estas não podem ser trabalhadas separadamente, pois para escrever um bom texto o aluno precisa ter conhecimentos prévios adquiridos através de leituras anteriores.

A relativa capacidade de um leitor em particular é obviamente importante para o uso exitoso do processo. Mas também é importante o propósito do leitor, a cultura social, o conhecimento prévio, o controle lingüístico, as atitudes e os esquemas conceptuais. Toda leitura é interpretação, e o que o leitor é capaz de compreender e de apreender através da leitura depende fortemente daquilo que o leitor conhece e acredita a priori, ou seja, antes da leitura (FERREIRO; PALÁCIO, 2003, p. 15).

Na primeira oficina se trabalhou: O que são Contos? E suas características. Elementos da narrativa e estrutura textual. Para contextualizar os alunos leram o texto: “O pescador e o Jabuti” de Zandra Kelly Cidade Sarraf e o texto: “O boto namorador” de Alfredo Saunier.

Na segunda oficina os alunos estudaram: Verbos no passado, no gerúndio e no infinitivo que contribuem na construção do texto e leram o texto: “Pescaria macabra” de Gabriel de Moura Reis e o texto: “O caçador de cobra grande” de Valdir Rodrigues da Costa.

Na terceira oficina se trabalhou: Figuras de linguagens na construção do texto. E a leitura do texto: “O misterioso rádio” de Renan Costa Prestes. E o texto: “O boto de Piraúna” de Davison Menezes Sicsú.

Na quarta oficina houve a explicação do roteiro para pesquisa e resgate das histórias orais acontecidas na região, de preferência em Parintins ou redondezas. Lendas e mitos vivenciados pelos entrevistados ou por alguém próximo. Através do relato, o aluno escreveria o texto: conto.

Na quinta oficina teve orientação para Produção do gênero Conto, realizado em sala de aula. Após a correção dos textos aconteceu a reescrita textual seguindo as orientações do professor e bolsistas.

De escritor, o sujeito passa a leitor de si mesmo, voltando a ser escritor novamente: altera partes do seu texto, inclui uma sentença ou outra, descarta um parágrafo, examina detalhadamente a adequação do material textual produzido àquilo que a língua escrita convencionou, verifica a exatidão quanto ao significado e a acessibilidade e aceitabilidade por parte do leitor (PASSARELLI, 2012, p. 160).

Após cada oficina os alunos faziam atividades de interpretação textual para depois reconhecer nos textos os elementos gramaticais estudados. Os textos foram selecionados levando em consideração aqueles que mais se pareciam com a realidade dos alunos, para que estes pudessem se identificar e assimilar mais facilmente as características do gênero. Segundo Passarelli (2012, p. 116) “Antes de ser um objeto escolar, a escrita é um objeto social. Assim, a tarefa da escola é levar o aluno a perceber o significado funcional do uso da escrita [...]”. Portanto, ao contextualizar a leitura com a vida dos alunos, se obteve um interesse maior por parte destes em participar da discussão do texto, pois conheciam a realidade retratada em cada história lida em sala de aula.

### **Projeto Oficina de Produção Textual - PIBID na escola**

Outro fator importante que não se pode deixar de destacar foi à participação dos bolsistas do PIBID (Programa Institucional de bolsa de Iniciação a Docência), principalmente na pesquisa e elaboração das oficinas, que foram aplicadas em conjunto.

As oficinas foram planejadas com antecedência e foi feito tudo com calma, sempre revisando as aulas, escolhendo os textos em conjunto. Não se optou em fazer várias produções durante as oficinas, porque os alunos precisavam estar preparados para escrever um bom texto. Então, foram ensinadas através das oficinas as características do gênero, após a leitura de vários textos, os alunos resgataram histórias e construíram o seu conto, por isso se obteve produções de qualidade.

## **Resultados e discussão**

Os resultados da produção textual foram bons, pois dos alunos que escreveram o texto apenas cinco fugiram a proposta de produção e as características do gênero conto amazônico. Sendo que a ideia era que os alunos resgassem histórias fantásticas vivenciadas pelos seus avós, pais ou outros parentes, relacionadas ao imaginário amazônico.

O objetivo foi alcançado, pois apareceram histórias que nunca foram registradas. Os personagens são pescadores, ribeirinhos, caçadores, os quais vivenciaram fatos sobrenaturais e inesquecíveis em suas vidas e relataram com muita veracidade aos alunos e estes os transformaram em contos.

Os alunos participando das oficinas lendo os textos e comentando.



**Figura 1.** Alunos do 9º ano E. E. D. Gino Malvestio, Parintins/ AM.

Os alunos escrevendo o texto conto em sala de aula.



**Figura 2.** Alunos do 9º ano E. E. D. Gino Malvestio, Parintins/AM.

“O misterioso sumiço do pescador” do aluno Arison Rodrigues Teixeira, foi um dos contos selecionados para divulgação:

Certo dia um homem chamado Zebedeu Ribeiro Cunha, morava numa comunidade do Marajá, era conhecido como um dos pescadores mais corajosos daquela região.

Um dia Zebedeu saiu para pescar no lago Maracanã, nesse dia ele queria pegar muitos peixes para poder manter o pão de cada dia, ali no lago havia muitos bichos, jacarés, botos e outras espécies de animais aquáticos que poderiam rasgar sua *malhadeira*<sup>1</sup>, por isso ficava com sua espingarda vigiando os animais. Entretanto, o dia estava terminando e não havia pegado nenhum peixe.

Então ouviu um barulho que vinha do meio do mato, Zebedeu assustado focou sua lanterna para ver o que estava acontecendo, mas não viu nada, rapidamente olhou para água viu um boto engatado na sua malhadeira. Zebedeu deu um tiro que varou o rabo do boto, enquanto isso surgiu novamente o barulho arrepiando-o, e quase não conseguia focar sua lanterna na direção certa, até que conseguiu ver um bicho horrível com três metros de altura, tinha apenas um olho, uma boca grande na barriga e os dentes afiados que poderiam quebrar qualquer tipo de osso.

Zebedeu ficou com medo e deu um tiro na perna do animal estranho, mesmo ferido o bicho entrou na água, depois boiou furioso, avançou e levou o pescador para o fundo do rio. Após o ocorrido houve um grande silêncio naquela região, os pescadores ficaram assustados, pois acharam somente a canoa do amigo.

---

<sup>1</sup> Malhadeira: rede de pesca, principal apetrecho empregado na pescaria pelos ribeirinhos da região amazônica.

Até hoje não se sabe exatamente o que aconteceu com Zebedeu, segundo os pescadores do lugar, escuta-se os pedidos de socorro deste homem.

## A linguagem regional contextualizada nos textos dos alunos

Na produção textual dos alunos apareceram muitas palavras regionais, contextualizadas nos contos vivenciados no espaço amazônico. Essa linguagem peculiar foi evidenciada nas histórias contadas, como nos trechos abaixo:

[...] Os casal saiu para pescar em um dia ensolarado, por volta das 08:30 da manhã de uma sexta-feira, pescaram o dia todinho e ao final da tarde foram se agasalhar e *ataram*<sup>2</sup> suas redes e *mosquiteiros*<sup>3</sup>, olharam para céu e viram que a noite estava muito linda, cansados pegaram no sono na *beira*<sup>4</sup> do lago [...] (Maria Cecília da Silva Pereira).

[...] Ela dizia que no fundo daquele grandioso rio havia diversos tipos de bichos, bons e malvados, como os botos que mesmo sendo bonitos e fofinhos tinham suas malícias de *judiar*<sup>5</sup> de quem se aproximava da beira até encantava os corações das moças e ia embora deixando-as grávidas [...] (Efrem Xavier de Souza).

[...] Durante vários dias o pai do rapaz esteve andando de *rabeta*<sup>6</sup>, *beirando*<sup>7</sup> o rio até a Serra de Parintins para ver se encontrava o corpo do filho pelo menos boiado, mas nunca encontraram absolutamente nada, a mãe do rapaz ficou inconformada, vivia chorando [...] (Gisela Neponuceno Mota).

[...] às pessoas fechavam cedo as portas de suas casas e acendiam as *lamparinas*<sup>8</sup>, pois só se ouviam os grilos, sapos e as folhagens da mata que gritava na madrugada [...] Certo dia seu Candinho Gonçalves foi a tal praia, tirar ovos de tracajá, voltou atormentado, pois tinha sido apedrejado pela *visagem*<sup>9</sup>, e jurou nunca mais por os pés lá [...] (Laís Trindade Lima).

[...] Quando me dei conta, meu amigo Tião havia pegado sua *canoas*<sup>10</sup> e saído às pressas com medo, esperei a criatura se mover e lancei meu

<sup>2</sup> Atar: prender, apertar com atilho cordas, unir, vincular estreitar. Atar redes.

<sup>3</sup> Mosquiteiro: tela ou rede de fino pano como cortinado em volta do leito, para proteger de mosquitos.

<sup>4</sup> Beira: parte que circunscreve os limites do rio; beirada, beira do rio.

<sup>5</sup> Judiar: atormentar, maltratar.

<sup>6</sup> Rabeta: um motor que se usa em canoas para andar mais rápido sem precisar remar.

<sup>7</sup> Beirando: próximo aos limites do rio.

<sup>8</sup> Lamparina: recipiente feito de lata com um líquido inflamável (querosene), no qual se mergulha um pavio para acender.

<sup>9</sup> Visagem: aparição sobrenatural, assombração, fantasma.

<sup>10</sup> Canoas: embarcação primitiva de pequeno porte, de origem indígena cavada por meio de fogo em tronco de árvores, movida a remo.

*arpão*<sup>11</sup> acertando o braço dele, a criatura soltou um grande rugido e mergulhou de volta para o fundo do rio, provocando um grande *banzeiro*<sup>12</sup>, por pouco não alagou minha canoa [...] (Gustavo Costa Rodrigues).

As palavras evidenciadas nos textos são peculiares do vocabulário amazônico, podendo ter sentido somente no contexto local, pois o significado do dicionário pode não corresponder com o significado da linguagem popular usada na comunicação. Para Fiorin (2003, p. 114) “sendo a semântica o estudo sistemático do *sentido* nas línguas naturais, cada uma dessas maneiras de construir a teoria da linguagem resultará numa semântica peculiar”.

Tais palavras formam o léxico amazônico. A semântica lexical estudará o léxico das línguas ou de um determinado lugar e seus respectivos lexemas. Então, o léxico são conjuntos das palavras usadas numa língua ou em um lugar específico.

Segundo Maia (2006, p. 108) “a semântica é o estudo do significado das línguas [...] a semântica é, não só, o estudo do conteúdo das palavras isoladamente, mas também do significado das palavras nas frases, relacionando-se, assim, com o módulo sintático”.

Portanto, a Semântica é muito importante para se entender contextos falados e escritos, principalmente porque as palavras adquirem significados diferentes nos diversos lugares, conhecer a semântica da sua própria língua e especificamente do lugar onde se vive é fundamental.

## **A leitura contextualizada nas oficinas e reescritura textual**

A leitura de vários contos amazônicos realizada nas oficinas ajudou na hora de escrever o texto, os alunos empregaram muitos recursos linguísticos que aprenderam durante os exercícios feitos nas oficinas, inclusive assuntos gramaticais, sem precisar decorar regras.

---

<sup>11</sup> Arpão: conjunto formado por um ferro afiado colocado em um cabo, usado na pesca de peixes grandes.

<sup>12</sup> Banzeiro: sucessão de ondas provocadas pela passagem de uma embarcação ou algo grande caindo ou mergulhando no rio.

O discurso motiva o texto, que trabalhará uma língua, que por sua vez tem uma gramática. Em outras palavras: os falantes/ouvintes de uma língua utilizam-se consciente e inconscientemente dos gêneros que a sociedade cria para produzir significados (WACHOWICZ, 2012, p. 34).

Os alunos escreveram textos coerentes e interessantes, percebe-se a evolução destes na escrita. Estavam motivados, pois as histórias faziam parte do cotidiano deles.

[...] a coerência se refere “à possibilidade de se estabelecer um sentido para o texto, ou seja, ela é o que faz com que o texto faça sentido para os usuários, devendo, portanto, ser entendida como um princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido deste texto” (KOCH e TRAVAGLIA apud PRESTES, 2001, p. 19) [grifo do autor].

A coerência é a qualidade responsável pelo sentido do texto, a sua articulação envolve o nexos entre diversas ideias formadoras do parágrafo, não contradizendo o que foi dito antes, é manter argumentos de acordo com a ideia principal.

Saber escrever é muito importante para o jovem ingressar e permanecer no mercado de trabalho. Entretanto, aprender organizar as ideias na escrita e usar corretamente os conectivos de coesão, se torna um ato cada vez mais difícil, pois a escrita formal disputa espaço com a linguagem da internet que ocupa um lugar privilegiado na vida dos jovens, prejudicando de certa forma seu desempenho na escrita. Diante disso, o papel do professor de Língua Portuguesa é de total relevância ao ensinar a diferença entre a linguagem da internet e a escrita formal, o aluno deve saber usá-las em situações distintas.

Para tanto, defendemos a necessidade de ressignificar as práticas de ensinar e as razões para aprender a escrever nos dias atuais; de fazer com que se compreenda a língua escrita não como uma representação da fala, mas como uma ordem distinta de uso da língua; e, de responsabilidade da parte de quem ensina e de disponibilidade para mudanças da parte de quem aprende (RIOLFI, 2014, p. 116).

Em alguns textos houve erros gramaticais como de ortografia, pontuação, concordância, também aconteceu algumas falhas na estrutura textual, na divisão de parágrafos e na adequação linguística. Após a correção, o texto foi devolvido aos alunos para analisarem seus erros e as observações do professor para assim reescrevê-lo.

[...] a única maneira direta de se trabalhar com esse tipo de problema é a mais tradicional possível: verificação do “erro” e reescrita. A ortografia, sobretudo, é uma questão não gramatical, que tampouco pode ser considerada como um problema textual. Já a concordância envolve controle gramatical da frase, que é a relação entre palavras, especialmente entre sujeito e verbo. A pontuação, por fim, vai além de sistemas convencionais, pois envolve significado e efeitos de sentido (WACHOWICZ, 2012, p. 61).

Muitos alunos conseguiram seguir as convenções da escrita escreveram textos bem estruturados, coerentes e com poucos erros gramaticais. Percebe-se a evolução destes na escrita, pois desde o início das oficinas de produção textual em 2014, os alunos reescrevem o próprio texto, observando seus erros para não repeti-los em outras produções.

Uma palavra oralmente enunciada e um texto escrito que se torna público possuem a mesma irreversibilidade. A diferença está no fato de que, por resultar de um trabalho solitário de enfrentamento com a multiplicidade e com a falta de unidade de ideias, quem escreve tem a possibilidade de escrever de novo, alterar a ordem, testar e desconfiar das palavras antes de expor o texto. O texto é provisório enquanto estiver submetido ao trabalho de refacção, uma vez que o processo de produção e o resultado final são separados (RIOLFI, 2014, p. 121-122).

Portanto, os alunos estão começando a entender que a fala é diferente da escrita, ao reescrever eles podem melhorar o texto, alterar algumas partes e esclarecer ideias. A refacção possibilita ao estudante corrigir seus erros e aprender com eles para não cometê-los novamente, ou seja, proporciona a evolução na escrita.

## **Considerações finais**

Este trabalho apresentou a metodologia utilizada para se contextualizar o universo amazônico e assuntos gramaticais nas oficinas de produção textual, enfatizando a linguagem regional e o imaginário caboclo, fazendo uma conexão entre leitura e escrita. Dessa forma, foram mostrados os resultados das oficinas realizadas com os alunos do 9º ano nas aulas de Língua Portuguesa que sem dúvida foi um aprendizado imprescindível que estes levarão para o resto de sua vida escolar.

Ao analisar os textos produzidos, observou-se o bom resultado das oficinas, pois a maioria dos alunos escreveram textos com as características do gênero ensinado nas aulas, e retrataram muito bem o imaginário amazônico nas histórias contadas, houve uma identificação com a temática regional. Outro fator que contribuiu para o bom resultado foi à contextualização feita através de leituras anteriores de contos amazônicos, escritos por autores parintinenses.

Portanto, este fator comprova que a metodologia utilizada de contextualizar o universo amazônico e os assuntos gramaticais foi relevante e poderá ser repetida em outras oficinas de produção com outros gêneros textuais.

## **Referências**

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 3.ed. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: Ed. da USP, 1984.

FERREIRO, Emília; PALACIO, Margarita Gomes. **Os processos de leitura e Escrita: Novas perspectivas**. 3a. Ed. Tradução de Maria Luiza Silveira. Porto Alegre: Artmed, 2003.

FIORIN, José Luiz (org). **Introdução à lingüística: princípios de análise**. São Paulo: Contexto, 2003.

GRÉGOIRE, J.; PIÉRART, B. **Avaliação dos problemas de leitura: os novos modelos teóricos e suas implicações diagnósticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MAIA, Marcus. **Manual de lingüística: subsídios para a formação de professores na área de linguagem**. Brasília: MEC, SEC Alfabetização e Diversidade LACED/Museu Nacional, 2006.

PASSARELLI, Lílian Maria Ghiuro. **Ensino e correção na produção de textos escolares**. – 1ª ed. – São Paulo: Telos, 2012.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **Leitura e (re) escritura de textos**: subsídios teóricos e práticos para o seu ensino. - 4 ed. rev. e corr. - Cantadura, SP: Editora Rêspel, 2001.

RANGEL, Alberto. **Inferno Verde**. 5ª ed. - Manaus: editora Valer, 2001.

RIOLFI, Claudia [et. al.]. **Ensino de Língua Portuguesa**. - São Paulo: Cengage Learning, 2014.

SAUNIER, Alfredo. **Identidade cabocla**. Parintins, 2013.

SINIMBU, Cristiane; SAVEDRA, Augusto; NATIVIDADE, Julieuza (orgs.). **Deixa que eu conto**: histórias de pescador. Parintins: IFAM, 2011.

WACHOWICZ, Teresa Cristina. **Análise linguística nos gêneros textuais**. São Paulo: Saraiva, 2012.